

A MÍSTICA: VENERÁVEL MARIA DE ÁGREDA

(parte I)

Quem foi Madre Maria de Ágreda?

Por Margaret C. Galitzin
Traduzido por Andrea Patrícia



Madre Maria de Jesus (1602-1665)

(...) Quem foi a freira enclausurada espanhola que se bilocou para o Sudoeste da América no século XVII para instruir os índios na Fé Católica e prepará-los para o batismo? Essa curta biografia irá responder a essa questão.

Ela nasceu com o nome de Maria Coronel y Arana em 2 de abril de 1602 na cidade de Ágreda, situada na Província de Soria ao norte da Espanha. Era filha de Francisco Coronel e Catalina de Arana, uma família de nobre linhagem mas com recursos reduzidos. O pio casal teve 11 crianças, mas apenas quatro chegaram à vida adulta: Francisco, José, Maria e Jerônima. Os filhos – e também seus pais – iriam todos se tornar religiosos na família de São Francisco.

Desde a infância, ela foi favorecida por Deus com êxtases e visões. Fez seu voto de castidade com oito anos de idade, e quatro anos depois pediu permissão aos pais para entrar em um convento Carmelita das redondezas. Esse curso mudou, entretanto, quando sua mãe teve uma visão na qual Nosso Senhor revelou a ela Seu desejo de que deveria criar um convento em sua própria casa.

Depois de vencer muitas dificuldades, em janeiro de 1618, a mãe e suas duas filhas tomaram o hábito em seu lar, que se tornou o Convento Franciscano da Imaculada Conceição. No mesmo dia o pai dela se tornou um monge na Ordem de São Francisco, onde seus dois filhos já eram religiosos.

Oito anos mais tarde, aos 25 anos de idade com aprovação papal, Maria de Jesus tornou-se Abadessa, um fardo que ela tomou relutantemente em seus jovens ombros. Ela continuaria a governar o Convento de Ágreda – exceto por um breve período – até sua morte em 1665.

No começo de *A Cidade Mística de Deus*, ela escreveu:

“O Altíssimo em Sua pura bondade favoreceu tanto nossa família que todos nós fomos consagrados a Ele no estado religioso. No oitavo ano de fundação desse convento, no 25º ano de minha vida, no ano de 1627 de Nosso Senhor, a santa obediência impôs a mim o cargo de Abadessa, que até hoje eu indignamente mantenho.” (1)

Duas investigações e palavras de louvor



A casa da família tornou-se o primeiro convento

Como se espalhou a notícia sobre as visões e escritos da santa Abadessa, a atenção da Inquisição espanhola virou em sua direção. Em 1635 – pouco após a primeira visita do Pe. Alonso de Benavides ao seu Convento (veja Parte II) – uma primeira inquirição foi feita. A maior parte das questões foi sobre suas bilocações para a América. Seus inquisidores estabeleceram que ela era inocente e louvaram sua virtude, caridade e inteligência.

Em janeiro de 1650, uma segunda investigação foi aberta. Inquisidores vieram ao Convento de Ágreda e questionaram Madre Maria de Jesus por 11 dias com 80 questões que cobriam suas bilocações, seus escritos e também a informação errônea de que ela estava envolvida em um complô contra o Rei espanhol. O caso foi fechado com Maria de Ágreda livre de todas as suspeitas. Mais uma vez, os Inquisidores elogiaram sua vida de oração e sua fidelidade a Santa Madre Igreja.

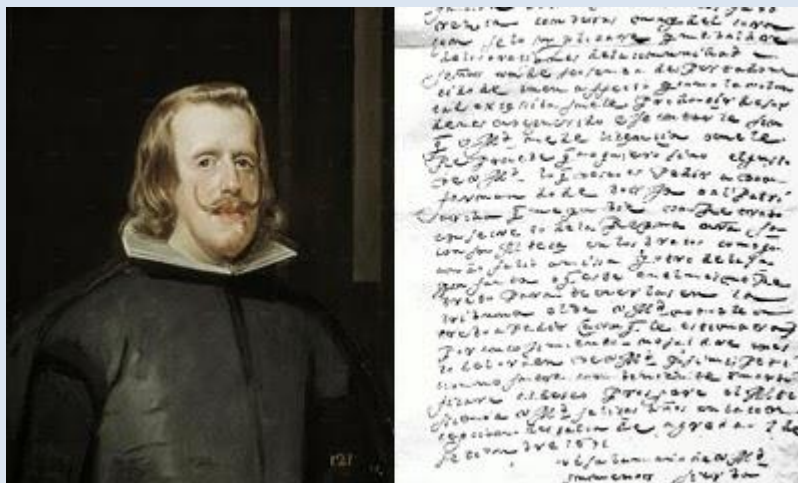
Através de sua vida, Maria de Jesus iria afirmar que a obediência era sua “bússola” na vida. Ela sempre abriu sua alma aos seus diretores espirituais, manifestando a graça e os favores recebidos de Nosso Senhor e pedindo sua aprovação e conselho. Nós conhecemos os nomes de seus vários diretores por causa dos registros da Inquisição: foram eles Pe. Juan de Torrecilla, Pe. Juan Bautista de Santa Maria e Pe. Tomás Gonzalo. Por ordem do Provincial, Pe. Francisco Andrés de la Torre iria dirigi-la de 1623 a 1647, quando ele morreu. Durante alguns anos difíceis passaram para Madre Maria de Jesus diretores espirituais temporários, até que finalmente, em 1655, Pe. Andrés de Fuenmayor assumiu a direção e a manteve até a morte dela em 1665. Nós temos um vívido exemplo do seu espírito pronto para obedecer na redação da sua famosa e controversa obra, A Cidade Mística de Deus, uma vida da Santa Virgem ditada à freira Concepcionista pela própria Rainha do Céu. Em 1643, sob a ordem do Pe. de la Torre, ela escreveu a obra maciça com suas próprias mãos. Durante a

ausência dele, entretanto, um diretor temporário a instruiu a queimar o manuscrito e o resto de seus escritos. Ela cumpriu prontamente.

Quando o padre de la Torre retornou, ele a repreendeu fortemente e mandou-a começar de novo. Quando ele morreu em 1647, outra ordem de outro diretor temporário veio a destruir o manuscrito. Ele foi queimado pela segunda vez.

Finalmente, seu último diretor, Pe. de Fuenmayor ordenou Maria de Ágreda a tomar sua pena pela terceira vez. Em 1655 ela completou a magnífica obra que nós temos hoje sobre a vida da Virgem Maria. O mesmo Pe. Fuenmayor escreveu a primeira biografia dela e testemunhou sob juramento sua vida de virtude e santidade no processo de beatificação que foi aberto sete anos após a morte dela.

Uma longa correspondência com o Rei



Filipe IV correspondeu-se frequentemente com Maria de Ágreda.

Em 1642 Maria de Jesus enviou ao Rei Filipe IV um relato de uma de suas visões, na qual ela viu um concílio de demônios conspirando para destruir o Catolicismo e a Espanha. O Rei, que já havia lido o Memorial do padre Benavides sobre suas bilocações místicas para a Nova Espanha, arranhou uma reunião para encontrar a Abadessa em seu caminho para suprimir a rebelião da Catalunha em 1643.

Então começou uma longa correspondência com o Rei que durou mais de vinte anos até a morte dela em 29 de março de 1665. As mais de 600 cartas que sobreviveram até hoje revelam a grande confiança que o Monarca da Espanha tinha na Abadessa enclausurada. Ele a consultava tanto para assuntos espirituais quanto temporais. (2) Era comum para o Rei escrever suas questões em um lado da página, e a Abadessa escrever as respostas dela no outro lado.

As cartas revelam os tópicos prementes que o Rei enfrentava: as guerras e querelas da Espanha com a França, Flandres, Itália e Portugal, as rebeliões catalãs e a falta de recursos de suas muitas iniciativas. Elas mostram também claramente que a Madre Maria de Jesus não hesitava em lembrá-lo de seus deveres católicos perante Deus concernentes a sua desordenada vida pessoal.

Ela escreveu cartas a Papas, Reis, Gerais de Ordens Religiosas, Bispos, nobres e toda classe de pessoas na Igreja e na sociedade. Embora algumas tenham se perdido, muitas sobreviveram, e nós não podemos deixar de admirar o volume, a extensão, a qualidade e a variedade de sua atividade epistolar. De sua cela apertada, ela tocou verdadeiramente o mundo de sua época.

Uma obra controversa sobre Nossa Senhora



A cela de Maria de Ágreda

Após a sua morte em 1665, milagres e favores foram relatados, concedidos por sua intercessão. Sua extraordinária virtude era tão bem conhecida que quase imediatamente os Bispos espanhóis e outros eminentes homens da Igreja tomaram a causa de sua beatificação. Oito anos após sua morte Madre Maria de Jesus de Ágreda foi declarada Venerável pelo Papa Clemente X, pela sua heróica prática de virtudes. Obstáculos à sua beatificação, entretanto, logo apareceram na forma de objeções à doutrina Mariana em *A Cidade Mística de Deus*, que havia sido publicada cinco anos após a sua morte e foi recebida com grande entusiasmo na Espanha. A Inquisição Espanhola escrutinizou a obra por 14 anos e não encontrou nada contrário à Fé ou à Moral.

Essa foi a era dourada mariana na Espanha, e sua Imaculada Conceição foi ferozmente debatida. De um lado, como defensores ferrenhos, estavam os teólogos que seguiam Duns Scotus, os Franciscans e as Universidades Espanholas de Salamanca, Madri, Granada, entre outras. Do outro lado estavam os teólogos tomistas franceses e, em particular, a Universidade de Sorbonne. Nesse clima de debate a obra de Madre Maria de Ágreda, que defendia a Imaculada Conceição, ficou sob suspeita. Em 1681, o Santo Ofício censurou o livro, em 4 de agosto do mesmo ano, foi incluído no *Index de Livros Proibidos*. Por ordem do Beato Inocência XI, entretanto, o decreto de condenação foi removido três meses mais tarde depois de se mostrar que uma falha da tradução francesa foi o motivo da censura.

Mas o incidente teve uma influência negativa em sua causa de beatificação, e desde então repetidas campanhas tem sido feitas contra *A Cidade Mística de Deus*. Os Jansenistas e os Galicanos no século XVIII renovaram o ataque dizendo que a obra era "excessiva" em sua devoção a Maria. Várias vezes a causa da Venerável Maria de Ágreda foi promovida, e então silenciada.

Em anos recentes, após o 400o aniversário e seu nascimento em 2002, houve uma renovação de esforços por vários grupos Marianos para fazer andar para frente o processo de beatificação. Mas outra barreira permaneceu no caminho: a forte ênfase em Nossa Senhora como Co-redentora e Medianeira encontrado em *A Cidade Mística de Deus* está em desacordo com as doutrinas ecumênicas do Concílio Vaticano II. Maria de Ágreda, mais uma vez, é posta de lado por promover a devoção a Nossa Senhora.

Corpo incorrupto



Seu corpo incorrupto é mostrado na Capela do Convento

A santidade e a admirável vida de Madre Maria de Jesus nunca foram contestadas. Dentro dos muros do convento concepcionista de Ágreda encontramos uma memória viva da venerável Abadessa. Lá nós podemos ver os oito livros da *Cidade Mística de Deus*, sua cela com duas janelas e o hábito franciscano que ela usava. Mas a visão mais extraordinária para o admirado peregrino é o corpo incorrupto da Venerável Madre Maria de Jesus.

Em 1909 seu caixão foi aberto pela primeira vez depois de sua morte em 1665. Seu corpo foi encontrado completamente incorrupto. Um relato completo da condição de seu corpo foi preparado por médicos e autoridades. Em 1989, outra cuidadosa investigação científica foi realizada. O médico espanhol Andreas Medina relatou que o corpo estava no mesmo estado que foi descrito no relatório médico de 1909. "Nós percebemos que não houve absolutamente nenhuma deterioração nos últimos 80 anos."

Ele continua a mostra na Capela do Convento de Ágreda, o qual ela governou por tantos anos. No 400º aniversário de sua morte, mais de 12.000 peregrinos visitaram Ágreda para venerá-la e pedir a intercessão da venerável Senhora de Azul. (continua)

Notas:

1. Traduzido por Físcar Marison, 4 vols, (Chicago, 1916), Livro I, p. 19-20.
2. *María de Jesús de Ágreda: Correspondencia con Felipe IV, Religión y Razón de Estado*, Introdução e notas por Consolación Baranda (Madrid: Editorial Castalia, 1991)

Fonte: Blog católico Borboletas ao Luar



www.mariamaedaigreja.net